

# Empresas e pessoas físicas fogem da bolsa

Custo elevado e falta de cultura têm feito cair o número de companhias listadas no pregão brasileiro, enquanto estrangeiros e investidores institucionais lideram as estatísticas de negócios com ações

**Liana Verdini**  
lverdini@brasileconomico.com.br

O mercado de capitais brasileiro está encolendo nos últimos anos considerando o número de empresas listadas em bolsas. É o relato de investidores profissionais, já que vem caindo a participação de pessoas físicas e empresas no faturamento, enquanto cresce a parcela do mercado acionário movimentada por investidores institucionais e estrangeiros. O comportamento acanhado do mercado brasileiro é atribuído a uma combinação de falta de cultura do investimento em ações por parte das pessoas, excesso de exigências das corretoras para trabalhar com pessoas físicas e alto custo operacional para as companhias se manterem abertas.

"O número de IPO (oferta pública inicial) tem diminuído a cada ano", admitiu Luciana Dias, diretora da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), autarquia responsável por regular e fomentar o mercado acionário brasileiro. De fato, desde a crise de 2008 há mais empresas pedindo

o cancelamento do registro de companhia aberta do que solicitando a abertura de capital. De lá para cá, a CVM recebeu 242 pedidos de cancelamento de registro e 211 processos de abertura de capital.

"Nos tempos percebido esta tendência nos últimos anos e em 2009 começamos a estudar o que poderia ser feito para estimular o ingresso de empresas de menor porte no mercado", disse ela, lembrando ser este um trabalho conjunto da CVM, Bovespa, diversos parceiros estratégicos e instituições do mercado.

Luciana lembra que o mercado brasileiro não é receptivo às propostas. "Na Antralia (no Canadá, as operações de oferta pública de ações envolvem valores entre US\$ 30 milhões e US\$ 40 milhões. No Brasil, as operações são de US\$ 800 mil e até de US\$ 1,2 bilhão. Com isso, uma fal-

xa garante de empresas não consegue acessar o mercado". De acordo com a B3 e Bovespa, nos últimos três anos, o volume médio captado por operação no Brasil foi de R\$ 892 milhões, inviável para empresas de menor porte.

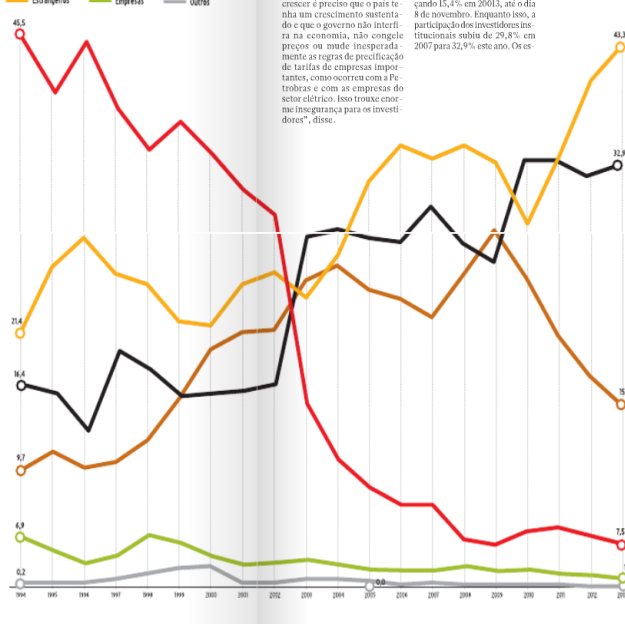
Pelo projeto coletivo, já apresentado ao ministro da Fazenda, Guido Mantega, investidores, empresas e instituições do mercado receberiam estímulos para atuar no mercado de ações. O objetivo é atrair a bolsa para o financiamento de médias e pequenas empresas, com valor de merca-



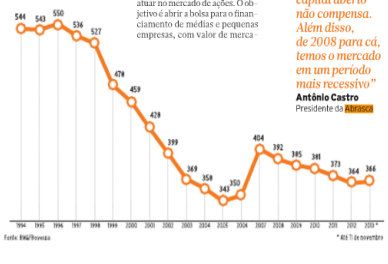
**“Para as empresas que não são ativas no mercado de capitais, o custo de manter o capital aberto não compensa. Além disso, de 2008 para cá, temos o mercado mais recessivo”**  
**Antônio Castro**  
Presidente da Abrasca

## TIPO DE INVESTIDOR

— Pessoas físicas — Institucionais — Int. (Estrangeiros) — Empresas — Outras



## NÚMERO DE EMPRESAS LISTADAS EM BOLSAS



do inferior a R\$ 700 milhões e receita líquida do exercício social anterior a oferta inferior a R\$ 500 milhões. Para atrair esse grupo de empresas, elas teriam redução de custo e simplificação do processo da oferta pública de ações e para a manutenção da condição de companhia aberta. Os investidores teriam estímulos tributários, inclusive com a isenção de imposto de renda nos ganhos de capital na compra de ações da abertura de capital dessas empresas.

Mas, na visão do presidente da Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais do Rio de Janeiro (Apimerc), Carlos Antônio Magalhães, não basta dar incentivos para ter uma bolsa vigorosa. "Para o mercado crescer e crescer o país tenha um crescimento sustentável e que o governo não interfira na economia, não congelar preços ou made inesperadamente as regras de precificação de tarifas de empresas importantes, como ocorreu com a Petrobras e com as empresas do setor elétrico. Isso trouxe enorme insegurança para os investidores", disse.

**“Nós temos percebido essa tendência nos últimos anos e em 2001 começamos a estudar o que poderia ser feito para estimular o ingresso de empresas de menor porte no mercado”**  
**Luciana Dias**  
Diretora da CVM

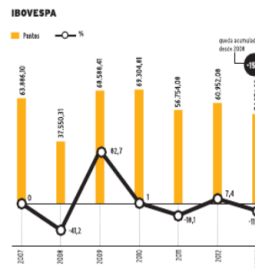
Concorda com ele o sócio da Oliveira Trust DTVM, Mauro Sérgio de Oliveira, para quem o governo parece apostar e na redução do mercado. "O mercado de capitais não anda junto com o governo intervencionista, porque o investidor sabe que o seu risco cresce", afirmou. E acrescenta: "há dois anos que não se vê uma autoridade falando do mercado. E com a eleição no próximo ano, não há como esperar reversão deste quadro, exceto pelo baixo preço relativo das ações".

No entanto, a bolsa brasileira está entregue aos profissionais. Em 2007, quando a economia mundial ainda crescia, a participação dos investidores pessoas físicas na Bolsa de São Paulo era de 23%. Chegou a 30,5% em 2009 e de lá para cá não caiu, alcançando 15,4% em 2008, até o dia 8 de novembro. Enquanto isso, a participação dos investidores institucionais subiu de 29,8% em 2007 para 32,9% este ano. Os es-

trangeiros, responsáveis por 34,5% do volume movimentado na B3 e Bovespa em 2007, responderam este ano por 43,3%.

"O brasileiro não tem cultura de bolsa", avalia o presidente da Apimerc, Para Magalhães, os grandes bancos preferem indicar os investimentos em renda fixa a ações. E o brasileiro, acostumado com a poupança, se assusta com a bolsa. "As pessoas físicas são mais instáveis e não resistem a uma queda tão grande", afirma Oliveira.

As empresas também estão dando meia volta e se retratando do mercado. Em 1998, o número de companhias abertas listadas na Bolsa de São Paulo eram 599. Em dezembro de 2012, segundo dados do Banco Mundial, eram 353. 768 empresas que estão retirando o papel que não se utili-



## ENCOLHIMENTO DO MERCADO DE CAPITALS BRASILEIRO

